

EXCLUSÃO-INCLUSÃO NA VIDA E OBRA DE J. L. MORENO¹

José Fonseca

INTRODUÇÃO

A expressão *exclusão social*, e por conseqüência sua díade oposta, *inclusão social*, passou a ser uma espécie de neologismo freqüente em nosso mundo globalizado. Ela teve origem na descrição de dolorosas feridas da sociedade contemporânea e nos remete tanto às mais grosseiras como às mais sofisticadas injustiças sociais. Também tem, portanto, uma conotação política e econômica que não pode ser desprezada. O conceito de exclusão-inclusão, no entanto, extrapolou seus limites iniciais, na medida em que os sentimentos emergentes nessas situações também passaram a ser valorizados: amor, ódio, medo, inveja, ciúme, culpa, vergonha e outros. Neste contexto ampliado passou a englobar os sentimentos que surgem quando as pessoas não conseguem e/ou são impedidas de alcançar a condição de pertencimento. Todos temos lembranças de situações onde nos sentimos assim - na família, na escola, ou no trabalho - e dos amargos sentimentos que então nos acompanharam. Por outro lado, todos já vivenciamos a sensação de plenitude, satisfação e alegria ao nos sentirmos aceitos. Buscamos continuamente a inclusão em relações duais e grupais. William Schutz (1971), trabalhador grupal influenciado pelas idéias de Moreno, coloca a inclusão como a primeira fase do desenvolvimento dos grupos. Podemos visualizar essa tendência gregária humana em três círculos concêntricos que se interpenetram representando os contextos pessoal, grupal e social.

Moreno ensina que a criança nasce incluída em uma rede relacional de variadas influências (genéticas, culturais, sociais, psicológicas etc): a matriz de identidade. Ensina também que nessas situações existem dois pólos em jogo: o do que busca a inclusão e o do que aceita, rejeita ou é indiferente a ela. Moreno afirma ainda que estar verdadeiramente incluído significa experimentar a reciprocidade relacional que se manifesta pela inversão de papéis, pela tele e pelo encontro. O conceito de Encontro, um dos principais eixos da filosofia moreniana, poderia também ser definido como a possibilidade de estar totalmente incluído no *outro* ou no *outro lado* da relação. O trabalho de Moreno, seja em sua perspectiva sociológica, educacional ou psicoterapêutica, está fundamentado na tentativa de ajudar as pessoas a se incluírem em suas relações.

¹ Conferência-tema do 63º Congresso Anual da Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, Miami, 2005 (Establishing Safe Harbors-Gateways to Inclusion).

Como vida e obra constituem um contínuo existencial, vale a pena fazermos uma breve incursão pela vida do criador da socionomia, e considerarmos alguns pontos de sua luta pessoal por inclusão em termos da formação de sua identidade psicossocial. Passaremos em revista alguns aspectos da biografia de Moreno que, certamente, conhecem, mas que aqui estarão ordenados de acordo com o tema desta apresentação.

INCLUSÃO, IDENTIDADE E MATRIZ DE IDENTIDADE DE MORENO

O processo da formação da identidade é fruto de como a criança se inclui em sua matriz de identidade. Aqui ela começa a responder a duas perguntas básicas que se repetirão, em diferentes situações e circunstâncias, a vida toda: *quem sou e quanto valho* (afetivamente, profissionalmente, socialmente, economicamente, politicamente). Vejamos como o menino Jacques (assim Moreno era chamado na família de origem) aprendeu a responder essas duas questões-chaves.

A história conta que Jacques era o preferido de sua mãe que, influenciada pelas profecias de uma cigana, incentivou na família a idéia de que ele não era somente uma criança incomum, mas também destinada a um futuro grandioso. As pesquisas de Marineau (1992) apontam para o fato de que até a histórica brincadeira de ser Deus, quando quebrou um braço, era *“repetitivo e sistematicamente apoiado pela mãe de Moreno”* (p. 31). O menino gozava de um status especial em relação aos irmãos, porém pagava o preço de não poder se sentir um igual a eles.

“Sua relação era muito diferente com os irmãos. Não queria ser chamado por seu primeiro nome. Se um desses usasse Jacob ou Jacques, simplesmente ignorava. Esperava para responder, até que fosse chamado de ‘você’... Esse anonimato tinha raízes, como vimos, num sentimento de ser um caso especial de Deus” (Marineau, 1992, p. 33).

Moreno pagou ainda um preço mais alto, o de ter que cumprir a profecia de grandiosidade que só pôde ser realizada na medida em que geneticamente foi agraciado com uma inteligência genial. Caso não a tivesse possuído, teria provavelmente sucumbido psicopatologicamente ao peso de um destino não realizado. As características dessa peculiar inclusão familiar deixaram marcas em sua identidade que transcenderam o âmbito familiar. Suas próprias palavras não deixam dúvida quanto a isso:

“Desde o tempo em que meu comportamento se tornou estranho no começo da adolescência, enquanto me afastava cada vez mais de minha família, também passei a afastar-me de meu nome, isto é, do meu primeiro nome. Parecia estar procurando uma nova identidade e, talvez, um novo nome que combinasse melhor com meu novo status, essa nova identidade” (Moreno, 1997, p. 37). *“O segredo de minha identidade tornou-se tão intenso em minha cabeça que eu mesmo comecei duvidar de qual era minha verdadeira identidade e meu nome real. (...) Primeiro, troquei meu nome de Jacques Levy para Jacob Levy, intensificando meu judaísmo; depois acrescentei o nome do meio de meu pai, Moreno, Jacob Moreno Levy. Novamente, mais tarde, dei outra volta e tornei-me J. L. Moreno. Todas essas sutis diferenças começaram a aborrecer-me e então resolvi abandonar meu nome de uma vez e tornei-me totalmente anônimo...”* (Moreno, 1997, p. 111).

Ainda adolescente, já não se sente confortável no seio familiar. Aos 14 anos, por não adaptar-se à vida em Berlim, para onde a família emigrara, retorna a Viena, com permissão dos pais. Aluga um quarto e passa a viver sozinho. Quando a mãe e os irmãos retornam, por estar ressentido com a mãe (em relação à separação do pai), recusa-se a voltar a morar com a família. Nesse momento identifica-se com Cristo, Buda e São Francisco de Assis, que também deixaram suas casas e adotaram a humanidade como nova família. Quando visitava a família o contacto era estranho:

“Meus irmãos olhavam-me com admiração e medo. (...) Ficava trancado em meu quarto, comia sozinho, falava pouco ou simplesmente não falava, preocupado com coisas que eles não entendiam. A tensão aumentava” (Moreno, 1997, p. 42).

LUTANDO POR INCLUSÃO SOCIAL

O povo judeu tem uma longa história de exclusões, desde sua fuga do Egito, no século XIII a.C., passando pela destruição de Jerusalém, no século VII d.C., e por uma longa peregrinação de inclusões parciais e exclusões (*pogroms*) em diferentes partes do mundo, culminando com o holocausto nazista da II Guerra Mundial. Os judeus sefaraditas, agrupamento étnico ao qual Moreno pertencia, conseguiu, durante séculos, uma criativa inclusão entre os cristãos e os muçulmanos da Península Ibérica (*Sefarad*), porém, no final do século XV, foram expulsos da Espanha e Portugal pelos reis católicos Isabel e Fernando. A partir daí, os psicodramatistas conhecem o périplo da família Moreno através da Turquia, Romênia, Áustria, Alemanha (Berlim e Chemnitz), novamente a Áustria e, finalmente, os Estados Unidos.

A condição de imigrante foi uma constante na vida da família Moreno. Ele próprio viveu, intensamente, a condição de ser estrangeiro, de ser imigrante, e as dificuldades em obter uma nacionalidade. Nascido na Romênia, filho de pai turco, emigra, ainda criança, para Viena. A comunidade judaica vienense, que poderia ser uma ponte de inclusão para os recém chegados, era majoritariamente asquenaze. Nem sempre era fácil a integração cultural dos sefaraditas na comunidade asquenaze. Os sefaraditas, como vimos, possuem influências latino (hispano-portuguesas)-arábicas, absorvidas na secular convivência árabe-judaica-cristã na Península Ibérica. A cultura asquenaze é predominantemente originada da Europa Central e Oriental².

Moreno descreve as dificuldades de inclusão social de sua família:

“Nossa transformação em vienenses, entretanto, nunca foi completa. Éramos mais uma das típicas famílias marginalizadas de origem judaica que sobreviviam desenvolvendo um forte laço de vida familiar. Por falar nisso, nós éramos, em Viena, até quase o momento de eu partir para os Estados Unidos, considerados estrangeiros ou refugiados. No império austro-húngaro daquele tempo havia milhares de famílias como a nossa que eram toleradas pelo governo enquanto levassem uma vida tranqüila, em nada ameaçando a estabilidade da nação. Acrescente-se a isso que morávamos num ambiente de nacionalismo germânico agressivo, reforçado por um distrito fortemente católico romano. Nossa família estava fora da corrente principal da vida austríaca em mais de um conceito.” (Moreno, 1997, p.30). *“Nós morávamos em bairros mistos de judeus e não judeus, em Bucareste e Viena, expostos a uma variedade de influências durante nossa infância. Os anos que minha mãe passara no convento foram úteis para ajudar a nos relacionarmos com as pessoas numa cultura católica tão agressiva como era a da Áustria durante minha juventude”* (Moreno, 1997, p. 31)

O ‘nacionalismo’ austríaco incluía um anti-semitismo anterior ao nacional-socialismo (nazismo) de Adolf Hitler. Durante seu período universitário, a um determinado tempo, os estudantes “nacionalistas” comunicaram o reitor que os judeus não poderiam mais participar das aulas e freqüentar o espaço universitário. Leve-se em conta que muitos professores também eram “nacionalistas”. Os estudantes judeus, em grupos de dez ou vinte, tentaram forçar a entrada. Seguiu-se um grande conflito *“com socos, paus e até facas”* (Moreno, 1997, p. 62). Outro conflito ocorreu anos depois, na estação ferroviária de Baden, quando um grupo de jovens pró-nazistas aproximou-se ameaçadoramente de Moreno e de sua companheira católica, Marianne Lörnitzo. Após Moreno dar um soco no líder e encarar o resto do grupo, os agressores

² O dialeto sefaradita era o *ladino*, baseado no castelhano medieval, incluindo dialetos espanhóis e portugueses. Já o dialeto asquenaze (judeus originários do noroeste da Europa, com a inclusão posterior de comunidades da Europa Central e Oriental) é o *ídiche*, proveniente do alemão com a inclusão de palavras hebraicas e eslavas.

se dispersaram. Moreno (1997) descreve que nesse momento foi tomado de uma intensa consciência de sua identidade, excluído por um lado e por outro incluído na identidade judaica que em outras ocasiões, como outros judeus da época, tentara esconder: *“tem sido proverbial aos judeus esconderem sua identidade e trocarem de nome”*(...) *“Suponho que eu relutava em anunciar o fato de ser judeu”* (p. 111)

A inclusão de Moreno na Áustria nos anos 20 complicava-se. Em Bad Vösslau, cidade onde clinicava, era importunado, de forma crescente, pelos extremistas. Alguns projetos profissionais fracassaram. Seu maior biógrafo, René Marineau (1992), sentencia: *“Moreno estava isolado”* (p. 103). Moreno decide tentar uma nova inclusão no Novo Mundo. Deposita suas esperanças na América do Norte. No entanto, ainda segundo Marineau (1992, p. 104), *“Nenhuma sinagoga estava esperando por ele, o profeta, nenhuma universidade ofereceu-lhe contrato como cientista e nenhuma companhia de teatro aguardava Moreno, o revolucionário”*.

Os primeiros anos na América foram duros. Moreno confessa que esteve a ponto de voltar para a Europa (p. 115).

Algumas relações estabelecidas nos primeiros anos americanos, no entanto, funcionaram como uma ponte de inclusão social para Moreno. Destacam-se pessoas como o Dr. Bela Schick, que se responsabilizou pelo trabalho de Moreno na clínica infantil do Hospital Monte Sinai, mesmo antes dele obter a licença para o exercício da medicina nos Estados Unidos; Beatrice Beecher, com quem se casou para obter o visto de permanência; William Bridge, futuro diretor da companhia de dança de Martha Graham, que lhe abriu as portas para iniciar a apresentação do teatro espontâneo em escolas, igrejas e universidades; Helen Jennings, que o apoiou incondicionalmente nos projetos de sociometria; e Gardner Murphy, importante conexão de Moreno com a sociologia e psicologia social americanas. Entre todos eles destaca-se, porém, seu irmão William, que emigrara antes dele.

“Pode um homem ser musa? Sem dúvida, um homem pode. Entretanto, ele não é a versão popular de uma musa. Pode-se pensar em Aarão como musa para Moisés, ou Platão como musa para Sócrates. Na minha vida foi meu irmão, William” (Moreno, 1997, p. 131).

Todas elas foram pessoas que não responderam a Moreno com neutralidade ou rejeição, emitindo um consistente sinal positivo de aceitação-inclusão.

INCLUINDO OS EXCLUÍDOS

Agora podemos compreender como Moreno, a partir de seus erros e acertos em sua luta por inclusão social, desenvolveu estratégias para ajudar os outros a atingirem a mesma meta.

Muito jovem funda com amigos a Casa do Encontro e a Religião do Encontro (1908 a 1914).

“(...)Todos nos comprometemos a compartilhar do anonimato, do amor e da doação, vivendo uma vida concreta e direta na comunidade com aqueles que encontrávamos. Deixamos nossos lares e famílias e fomos para as ruas”. (Moreno, 1997, p. 56)

Nos anos anteriores a I Guerra Mundial, a Áustria vivia um período de instabilidade política e econômica que gerava um grande número de pessoas chegando a Viena em busca de melhores condições de vida. O objetivo de Moreno e seus amigos era dar abrigo e facilitar a obtenção de documentos e vistos de trabalho para essas pessoas. Após o jantar coordenavam reuniões nas quais *“os problemas eram levantados e os ressentimentos desfeitos”* (Moreno, 1997, p. 57). Depois disso cantavam e dançavam. *“Participar desses encontros era uma experiência religiosa, algo muito alegre...”* (Moreno, 1997, p. 57). Essa forma de celebração nos remete aos rituais hassídicos de canto, dança e expansão de alegria em busca de comunicação com o mais alto.

Em 1913, Moreno dedica-se à tarefa de incluir socialmente as prostitutas vienenses e fazer valer seus direitos de cidadãs. As palavras de Moreno (1997) falam por si só:

“Eu tinha em mente o que La Salle e Marx haviam feito pela classe trabalhadora, deixando à parte a ideologia. Eles tornaram os trabalhadores respeitáveis ao dar-lhes um sentido de dignidade; organizaram-nos em sindicatos que elevaram o status da classe inteira...” (p. 65)

No início da I Guerra Mundial, Moreno é contratado pelo governo austríaco para realizar, em um campo de refugiados tirolezes (Mittendorf), aquele que seria seu principal trabalho pré-sociométrico. A sociometria, em sua instância diagnóstica, significa a possibilidade de revelar a situação de pessoas incluídas e de pessoas isoladas, excluídas, em uma rede relacional grupal. Em sua instância terapêutica, significa possibilitar aos excluídos a busca de novas possibilidades de inclusão no mesmo grupo ou em outros.

Sobre Mittendorf, Moreno (1997) relata:

“Usando os métodos da sociometria, ainda que em forma muito primitiva, transferei famílias de lugar, na base de suas afinidades mútuas. Assim o trabalho básico pelo qual a comunidade estava organizada foi mudado para melhor. Minha teoria foi apoiada pelo fato de que, quando as pessoas puderam viver com aquelas por quem estavam positivamente atraídas, tendiam a ser cooperativas entre si e os sinais de desajustamento diminuíram tanto em número como em intensidade” (p. 81).

Moreno, no entanto, não faz segredo que o móvel emocional de seu sucesso neste trabalho foi sua profunda identificação com os tirolezes que viviam uma dupla identidade nacional. Eram austríacos, tendo o italiano como idioma. Foram retirados de suas terras pelo governo austríaco, supostamente para serem protegidos do exército italiano que avançava naquela direção. Na verdade, o governo austríaco não confiava que seus súditos de língua italiana pudessem se opor aos invasores de cultura semelhante. Moreno (1997) sabia como era não possuir uma identidade cultural bem definida:

“Comecei a identificar-me cada vez mais com os tirolezes, aprendendo sua língua como um nativo e igualmente mergulhando em suas vidas.” (...) “Nunca esquecerei o dia em que voltaram para suas casas, recém-criados cidadãos italianos. As mulheres e as crianças vestidas em trajes festivos que haviam sido preservados, apesar da escassez dos anos de guerra. Marcharam para fora do campo, peito estufado, cheios de alegria, cantando suas belas canções italianas. Uma parte de mim queria ir com eles...” (pp. 81 e 82).

Já nos Estados Unidos, Moreno dá continuidade aos seus trabalhos sociométricos, entre os quais os caminhos para a inclusão dos presidiários de Sing Sing e das meninas infratoras (entre 12 e 18 anos) da Escola para Educação de Moças do Estado de Nova York (Hudson), quando lança definitivamente os fundamentos da sociometria. Em um recorte estratégico da população estudada (505 moças), Moreno focaliza com mais detalhes, a partir dos resultados do teste sociométrico, uma unidade social composta de cinco jovens onde chama a atenção o fato de uma delas, Elsa, apresentar uma posição afetiva de grave exclusão grupal. As quatro meninas escolhidas positivamente por Elsa em sua própria casa (a comunidade era dividida em 16 casas de moradia), rejeitam-na, assim como outras 27 colegas, 12 de sua própria casa e quinze de fora. Moreno estuda os *motivos* das escolhas de Elsa e das outras envolvidas, trabalha para aumentar o *volume inicial de seus contactos* na comunidade, aumentando suas possibilidades relacionais; lança mão de procedimentos como o *role-playing* e o *teste de espontaneidade*, com o objetivo de facilitar a fluência espontânea e o aumento do coeficiente télico da rede relacional em

questão. Compreende-se então que a exclusão de Elsa, assim como suas atitudes transgressoras (mentiras, roubos, etc), não decorrem somente de suas intrínsecas dificuldades relacionais, mas também da forma como a dinâmica relacional de sua moradia interage com ela. Elsa é sistematicamente marginalizada e desamparada pelo grupo. Knobel (2004) comenta que “qualquer tentativa de ‘cura’ precisa envolver todas as moças interligadas, direta ou indiretamente a ela” (p.202). Esta autora comenta, ainda, que Moreno, como se fosse um médico clínico, diagnostica o problema, busca suas causas e propõe um campo terapêutico para tratar o *organismo social* doente. A estabilidade emocional do indivíduo está relacionada ao seu *status sociométrico* grupal. Os membros isolados e periféricos seriam mais suscetíveis de adoecer.

Finalmente, Elsa, excluída da casa 8, consegue inclusão satisfatória na casa 13. Moreno, desta vez, não comenta sobre suas reações pessoais à inclusão de Elsa (como o fez em relação aos tirolezes), mas deduz-se, pela experiência anterior, que, ao ajudar Elsa a se incluir, ele também se sentiu um pouco mais incluído.

INCLUINDO A LOUCURA

Vejamos agora como Moreno procede para atingir suas metas de inclusão em seu trabalho psiquiátrico e psicoterápico. Em psicoterapia busca-se tanto a inclusão do indivíduo consigo mesmo, ou em outras palavras, a inclusão e fluência relacional dos diferentes *eus parciais* que compõem o *Eu global*, como também a facilitação de uma inserção adequada do indivíduo em sua rede relacional social.

Alguns autores como Blatner (1996), Bustos (1975), Fonseca (1974), comentam o pioneirismo de Moreno em relação ao movimento da *antipsiquiatria* (Laing, Cooper, 1972) dos anos 60. Muito antes, já na década de 30, Moreno fazia atendimentos clínicos onde ficava clara uma atitude “antipsiquiátrica” em relação à psiquiatria oficial. Propunha, por exemplo, o *choque psicodramático* em contraposição aos choques elétricos, insulínicos e cardiazólicos utilizados àquela época. Sua preocupação (apesar disto não ser uma constante em seus protocolos clínicos), não era a de combater diretamente os sintomas, mas, sim, a de incluí-los, harmonicamente, na vida do paciente. Digamos que, à atitude de operar, extirpar e excluir sintomas da medicina ocidental, Moreno propunha a atitude oriental de resgatar a energia criativa extraviada dos delírios e alucinações no sentido de incluí-la na vida do indivíduo. Ele comenta que a medicina oficial trabalha para o retorno do paciente à condição anterior à doença. Porém, na psiquiatria, nos deparamos com situações em que ele não pode renunciar à sua psicose. Este seria o resultado de muitos anos de um trabalho criativo desviado. A terapêutica

psicodramática da psicose investe então na realização total da psicose, lembrando o princípio homeopático *similia similibus curantur* (a cura pelo semelhante): a reconstrução da loucura no palco psicodramático passa a ser o instrumento terapêutico da psicose propriamente dita. Loucura curando a loucura.

Escolho um dos controvertidos casos clínicos de Moreno (1974), o “Caso Mary”, oficialmente denominado *Tratamento psicodramático de uma paranóia*, para nossa reflexão em termos do trabalho que ele realiza no sentido de re-incluir socialmente sua paciente. Durante 51 sessões, realizadas no decorrer de dez meses, Moreno trata de Mary, uma jovem de 23 anos que adoecera há três. Desenvolveu um delírio em relação a um homem, John, que supostamente vira em uma festa de Natal. Passa a procurá-lo de maneira obcecada e descontrolada pelas ruas e cidades. Seu comportamento bizarro chama a atenção da polícia que a conduz a um hospital psiquiátrico. Mary opõe-se a qualquer tratamento sendo transferida de hospital para hospital. A família recorre então ao Beacon Hill Sanatorium, do Dr. Moreno.

A partir de entrevistas com a família, Moreno estrutura uma cuidadosa estratégia terapêutica que obedece a três fases: realização, substituição e análise do delírio. A família é orientada para mudar o comportamento em relação a Mary e aceitar a realidade da psicose participando da busca de John. Os pais comunicam que descobriram um médico que é amigo de John. Mary exige ser levada a ele. Moreno expande o contexto dramático para a clínica e para a vida, recebendo-a e comunicando que tem um telegrama de John para ela. O telegrama comunica que ele está se apresentando a uma Junta de Alistamento Militar (a ação se passa durante a II Guerra Mundial), mas que se encontrará com ela em dois dias. William, um ego auxiliar profissional, também é apresentado como sendo um amigo de John. Há uma “troca” de correspondência entre Mary e John preparada pela equipe terapêutica. Moreno adverte que uma pessoa leiga poderá considerar esse procedimento uma mistificação, mas no plano psicodramático ele tem que ser compreendido como um procedimento terapêutico, cuidadosamente preparado e dirigido por terapeutas experientes, e, acrescento eu, correndo um alto risco. William, o ego auxiliar, passa a ser um ponto de contacto entre a paciente e o centro de seu delírio, John. Nas sessões psicodramáticas, William é sistematicamente escolhido para ser John. Ela tem possibilidade de ser John pela técnica de inversão de papéis, ou seja, de vivenciar sua própria criação delirante. Em uma dramatização Mary representa John como se ele fosse também um embrião que ela carrega em seu ventre. Uma sala de partos é montada no cenário psicodramático para que ela possa dar à luz ao seu bebê. A trama psicodramática segue: John é “convocado” pelo exército e o encontro é sempre adiado. As angústias de Mary aumentam. Ela ouve no rádio que é possível realizar casamentos de militares ausentes por procuração. William representa John e o casamento é realizado no palco psicodramático. Mary é

uma linda noiva em lágrimas que é beijada por William-John. Durante os dias seguintes sua angústia diante da vinda de John diminui. O casamento parece significar o início do desligamento progressivo de John.

Na realização da psicose a paciente pode viver parte da vida interior que antes era incompatível com a realidade. A antiga Mary é substituída por uma Mary II, mas uma Mary III ainda está por surgir. Mary transfere seus sentimentos para os egos-auxiliares e se torna dependente deles, pois somente através deles consegue encontrar John e seu mundo imaginário. Mary demonstra desejo de continuar o relacionamento com as pessoas dos egos auxiliares após as sessões. Durante a ação dramática, uma parte de William desliza e se une com uma parte de John, e essa combinação é progressivamente aceita por Mary. A máscara de John toma progressivamente os traços de William. Quando encontra William fora do teatro terapêutico, ele é John com os traços de William. A *substituição* está em andamento. Mary desenvolve por William uma ligação maior do que seria de se esperar de uma mulher “recém-casada”. Convida-o para passear e ir ao cinema. A relação de Mary com William atingiu uma solidez suficiente para permitir um novo e ousado passo: já é tempo de John morrer.

Sua morte no front é anunciada. Mary tem uma crise, permanece inacessível durante algum tempo elaborando seu luto. Seguem-se algumas sessões em que através da técnica do espelho pode ver-se representada por um duplo. O mundo transferencial vai sendo substituído, pouco a pouco, pelo mundo télico. Começa a fazer a distinção entre os médicos e enfermeiros (egos auxiliares) do mundo real com os personagens que eles desempenham no cenário psicodramático.

Em uma dramatização em que o terapeuta contracena com suas irmãs a verdade é revelada: John nunca existiu salvo na imaginação da paciente. Mary salta da platéia para o palco tentando agredir o médico. Passado o ímpeto agressivo, pede desculpas e se sente preparada para prosseguir o trabalho com cenas baseadas na diluição de seus delírios e alucinações.

O interesse por William desapareceu aos poucos na medida em que obteve a alta hospitalar. Mas o processo ainda não estava finalizado. Moreno convida um jovem que se sentira atraído por Mary, no período anterior à doença, para participar. Entra em curso a substituição final do projeto afetivo: de John para William e agora deste para George. Mary casa-se com George.

Quinze anos depois Mary continua a conviver com suas duas *dramatis personae*, mas uma não interfere na outra. Encontrou um companheiro que complementa essa dualidade. Às vezes, conversa com seus personagens fictícios, porém, se alguém se aproxima, interrompe o diálogo interior e explica que acabou de ter, em pensamento, uma conversa com alguém.

Realiza bem o caminho entre fantasia e realidade. Esta vida dupla não a impede de desempenhar os papéis de dona de casa, mãe (seu filho chama-se John) e esposa. Suas tendências anteriores ao isolamento e a inadequação, doentias, apresentam agora um aspecto normal. Questionada por Moreno pelo fato de não tê-lo visitado, responde que não é necessário, pois *“você se tornou uma parte de mim mesma e eu converso com você em sua ausência”*. O eu psicótico foi re-incluído aos outros “eus parciais”. Segundo Moreno (1974):

“Nosso fim deve ser o de reintegrar na cultura o nosso doente e suas normas de comportamento aberrante, como se tudo fosse compreensível e natural; de dar-lhe possibilidade de se revelar em todos os campos da atividade criadora.” (p. 352)

Moreno (1997) não deixa dúvidas quanto ao fato de ter experimentado em si mesmo seu método de trabalho:

“O psicodrama de minha vida precedeu o psicodrama como método. Eu fui o primeiro paciente protagonista e diretor da terapia psicodramática, a uma só vez”. (p. 44)

E não faz segredo de que se não tivesse adotado o procedimento de viver sua própria loucura, ao invés de escondê-la ou analisá-la, provavelmente teria sucumbido à doença mental:

“Escapei do destino do esquizofrênico, que funciona no vácuo e tem que preencher o vazio com figuras alucinatórias até o ponto de acreditar ele mesmo que essas figuras interagem com ele”. (p. 44)

“Portanto, eu queria mostrar que um homem que exibia todos os sinais da paranóia, megalomania, exibicionismo e outras formas de desajuste individual e social, podia ainda ser bastante bem controlado e saudável”. (Moreno, 1997, p. 53).

Moreno (1997) e seus companheiros da Religião do Encontro eram ousados em incluir a loucura na concepção de Deus:

“Como o maior crime de nossa cultura é ser patológico, comportar-se de maneira patológica, Ele apareceria à maneira do homem patológico e exibiria, humoristicamente, toda a parafernália da insanidade. Ele diria: ‘Sou um doente mental; olhem para mim; deixem vir a mim todos os doentes mentais’. Cristo ouvia vozes. Nós todos ouvimos vozes. Qualquer um que não ouve vozes não é normal. ‘Dessa vez Cristo estará nu’. Ele ouvirá vozes e as vozes Lhe dirão o que fazer, e Ele ouvirá as vozes que ouvimos dentro de nós.” (p. 50)

Moreno constrói, portanto, uma psiquiatria e uma psicoterapia muito diferentes da existente em seu tempo. Sua ousadia e atrevimento custaram-lhe muita resistência e oposição. Ele não propõe a atitude colonizadora de impor ao outro o que se acredita ser certo. Moreno crê que na loucura há uma potencialidade criadora a ser libertada e que a partir daí cada um segue seu caminho.

A ÚLTIMA INCLUSÃO

Em Agosto de 1973, no Grand Hotel Dolder, em Zurich, nove meses antes de sua morte, Moreno concretiza seu último ato de inclusão. Preside a assembléia de fundação da IAGP (*International Association of Group Psychotherapy*), instituição que promove a inclusão de todos os terapeutas de grupo do mundo, sem distinção de linhas ou escolas. Lá, estão reunidos psicodramatistas, grupoanalistas, gestaltistas, psiquiatras, psicólogos, pedagogos, religiosos, enfim, todos aqueles que se dedicam ao trabalho com grupos. Grete Leutz (2004), sua amiga e seguidora, descreve:

“Moreno sitting at the head of a long table, presided the assembly: at least twelve persons sat by his side. Facing the afternoon sun, he did not speak much, but smiling benevolently, he was very present and appeared satisfied”. (p. 164)³

Moreno (1973) escreve então uma pequena nota dizendo que realizara *“one of the major goals I have been trying to attain since 1951”* (p. 131)⁴. Ele manifestava a sensação de missão cumprida. Seu sorriso, presença e satisfação, tão poeticamente descritos por Grete Leutz, representaram seu adeus à nossa comunidade.

A INCLUSÃO DO PSICODRAMA NO BRASIL

As primeiras experiências com o psicodrama em nosso país surgiram em uma comunidade de excluídos buscando inclusão. Nos anos 40 era fundado o Teatro Experimental do Negro. O seu órgão oficial, o jornal Quilombo, já em sua edição de junho de 1949, e em edições subseqüentes, noticiava as sessões de psicodrama dirigidas pelo sociólogo negro Alberto Guerreiro Ramos. Ele conhecera o psicodrama nos Estados Unidos enquanto professor

³ “Moreno, sentado na cabeceira de uma grande mesa, presidiu a assembléia: pelo menos 12 pessoas sentaram ao seu lado. Com o sol da tarde em seu rosto, ele não falou muito, mas sorriu benevolentemente; estava muito presente e parecia satisfeito.”

⁴ ... “uma das maiores metas que venho tentando alcançar desde 1951”...

de universidades americanas. Chegou, a convite de Moreno, a participar do conselho editorial de uma das publicações de Beacon⁵.

As experiências que sucederam às sessões psicodramáticas dirigidas por Guerreiro Ramos foram protagonizadas por dois imigrantes que se radicaram definitivamente no Brasil: Pierre Weil, no Rio de Janeiro e Belo horizonte, e Helena Antipoff em Belo Horizonte.

Em São Paulo, o movimento psicodramático nasceu dentro de um contexto político e social específico. No final dos anos 60, vivíamos o início de uma ditadura militar que se estendeu ao longo de vinte anos. Muitas vezes, nosso grupo pioneiro levantou suspeitas, ou porque nos reuníamos, e grupos sempre podem ser subversivos, ou porque atendíamos pessoas que tinham sido vítimas de tortura, ou, ainda, porque éramos jovens e nos opúnhamos ao *establishment* da psiquiatria clássica e da psicologia tradicional. Introduzimos barulhentos grupos de psicoterapia de grupo nas silenciosas e comportadas salas de espera das clínicas psicanalíticas, utilizamos música e dança em sessões terapêuticas, quebramos com a formalidade e a distância no trato com os pacientes.

Esse começo questionador culminou com a realização do V Congresso Internacional de Psicodrama, em 1970, com a reunião de cerca de 3000 pessoas no MASP (Museu de Arte de São Paulo). Lá estavam não somente jovens terapeutas em busca de novas idéias, mas também atores, dançarinos, artistas plásticos, escritores, políticos e, como não podia deixar de ser, dadas as circunstâncias, policiais disfarçados de congressistas. Foi um congresso científico que ganhou conotação política, não só pelo grande número de pessoas reunidas, mas pela força de seus desdobramentos. O psicodrama trouxe um sopro de liberdade em nossos corações oprimidos. O Congresso do MASP, como ficou conhecido, transcendeu os limites do psicodrama, constituiu em um marco na vida intelectual de São Paulo.

O psicodrama iniciou seu percurso no Brasil com uma marca da exclusão. Quando não hostilizados por chefes reacionários (após o citado congresso, por exemplo, fui proibido de dar continuidade a um grupo de psicodrama em um hospital psiquiátrico), éramos considerados superficiais, pois diziam que aplicávamos técnicas lúdicas sem poder terapêutico. Nossa luta por inclusão na comunidade científica foi árdua e longa. Hoje, contamos com um grande número de mestres e doutores nas mais prestigiadas universidades brasileiras, mais de cem livros de psicodrama publicados em português, e uma organização nacional (FEBRAP – Federação Brasileira de Psicodrama), que filia cerca de quarenta associações e que reúne um contingente de mais ou menos 4000 psicodramatistas.

⁵ Para maiores informações consultar o trabalho de Maria Célia Malaquias (2004).

Em Março de 2001, graças à iniciativa de Marisa Nogueira Greeb, a Prefeitura de São Paulo realizou cerca de 150 psicodramas públicos, no mesmo horário e em diferentes locais da cidade: creches, albergues, escolas, praças públicas, etc. O evento foi denominado Psicodrama da Ética e da Cidadania. O objetivo era promover uma reflexão sobre como cada cidadão pode viver melhor em sua cidade e como contribuir para que seu semelhante também atinja essa meta.

“Não é possível aproximar-se da felicidade individual sem que isso envolva as necessidades de outros homens. Em outras palavras, o verdadeiro exercício ético só pode ser considerado eficaz quando leva em conta os direitos e deveres de toda uma comunidade” (Feo, 2004, p. 1)

A experiência do Psicodrama da Cidade proporcionou uma reflexão mais aprofundada sobre a missão comunitária do psicodrama. Afinal, o desejo de Moreno era levar o psicodrama para fora dos consultórios psicoterapêuticos. O número de trupes de teatro espontâneo e de teatro de *playback* (*playback theater*) aumentou. O Centro Cultural São Paulo, órgão da Prefeitura de São Paulo, passou a realizar, sob a coordenação de Antonio Carlos M. Cesarino, semanalmente, sessões abertas de psicodrama⁶. O público é constituído por desempregados, donas de casa, aposentados, estudantes universitários, profissionais com baixos salários, e todos aqueles que, estando no local para outras atividades, têm sua atenção despertada por um grupo de pessoas reunidas dramatizando os dramas e as tramas de suas vidas.

O LEGADO DE MORENO

A dor da exclusão social, em suas diversas manifestações, serviu de inspiração para Moreno criar instrumentos de ajuda aos seus semelhantes: a sociometria, a psicoterapia de grupo e o psicodrama. Sua vida foi dedicada aos excluídos: pobres, prostitutas, refugiados, prisioneiros e doentes mentais. Ele nos deixou um legado, e cabe a nós, psicodramatistas contemporâneos, dar continuidade a ele. O psicodrama, evidentemente, não consegue abranger todas as dimensões da exclusão social, porque muitas delas transcendem nossos limites de trabalho. Não estamos tomados pela utopia moreniana de conseguir tratar toda a humanidade. Nossos instrumentos são suficientes, porém, para darmos seqüência ao trabalho que Moreno iniciou.

⁶ O Daimon-Centro de Estudos do Relacionamento, São Paulo, realiza sessões abertas, ininterruptamente, desde 1984.

Nesta direção, existe uma conexão entre os sentimentos individuais, grupais e socioculturais. O filósofo holandês Espinosa (1957, livro II), judeu sefardita, como Moreno, discorre sobre democracia e liberdade com base nos sentimentos humanos, propondo um sistema de idéias em que o psicológico, o social e o ético-político aparecem entrelaçados. A psicóloga social Bader Sawaya (2003, p. 39) comenta que

“esta opção representa mudança do paradigma da ação transformadora, na direção de uma ontologia e de uma epistemologia que não separam a razão da emoção, a organização socioeconômica da configuração subjetiva, a esfera privada da pública, tampouco a estética e a ética da política”.

A metodologia psicodramática é facilitadora dessa intersecção (contextos social, grupal e dramático). Ao trabalharmos com os sentimentos de vergonha, tristeza e ódio de um protagonista humilhado, estaremos levantando, como em uma espiral, as outras dimensões envolvidas (grupal, social e ético-políticas).

Passo a narrar uma cena acontecida em um teatro espontâneo realizado em um albergue público⁷. A platéia é constituída por “homens e mulheres de rua”. A protagonista sente-se triste e solitária. Vê as pessoas namorando e não tem ninguém para si. Na primeira cena aparece um homem interessado, mas ele logo quer abraçá-la e beijá-la. A protagonista o repele. Na segunda cena surge um homem romântico que respeita sua timidez. As cenas são longas, mas o público vibra com os “agora não” da protagonista na primeira cena e a cuidadosa permissão de aproximação da segunda. As mulheres presentes se identificam muito com a história, mas muitos homens também torcem por ela e gritam: “Isso mesmo, é por aí!” Uma assistente social informa que muitas mulheres começam a viver na rua ainda meninas, sendo estupradas, sistematicamente, desde aí.

Os sentimentos individuais de nossa protagonista ganham ressonância no grupo presente e na condição social de todos os participantes. Trabalhar os sentimentos pessoais de humilhação, vergonha, medo e ódio, além de permitir que a pessoa se aproprie de sua história e contexto social, significa também levá-la à dimensão coletiva da exclusão. Apropriar-se do próprio corpo, ter uma identidade, fazer-se respeitar pelos semelhantes, decidir quando e com quem manter um relacionamento sexual, experimentar a sedução de forma civilizada, era o desejo de todos no grupo. O ‘não’ da protagonista era, também, o ‘não’ do grupo à desconfirmação enquanto pessoas, como sujeitos do desejo e do direito de opção.

⁷ A cena narrada foi realizada pelo grupo de teatro espontâneo Cia. Agruppaa, dirigido por Milene De Stefano Feo.

Trabalhar com os sentimentos do excluído não significa ajudá-lo a sentir-se um pouco melhor em sua pobreza ou anestesiar sua dor. Isso resultará na oficialização de seu sofrimento. Tampouco é exigir uma falsa alegria. Os sentimentos de alegria e tristeza “*são bons quando corrigem o intelecto e não obscurecem a crítica social*” (Sawaya, 2003, p. 47). A meta é propiciar a consciência da situação, permitindo que se realizem novas buscas de inclusão. Segundo Paulo Freire (1980), devemos considerar uma etapa de passagem entre a ‘*consciência ingênua*’ e a ‘*consciência crítica*’, pois é nesta que se situa a possibilidade de transformação da realidade.

Confesso que antes de preparar este escrito não tinha tão evidente a importância do eixo *exclusão-inclusão* em Moreno. Esta revisão se constituiu para mim em um verdadeiro *insight*, uma nova apreensão da teoria moreniana. Muitas entrelinhas passaram a ser linhas e uma nova óptica se revelou. Agradeço o convite da *American Society of Group Psychotherapy and Psychodrama* (ASGPP) pelo fato de ter me propiciado esta releitura de Moreno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLATNER, Adam e BLATNER, Allee (1996). *Uma visão global do psicodrama*. São Paulo, Ágora.
- BUSTOS, Dalmiro Manuel (1975). *Psicoterapia psicodramática*. Buenos Aires, Paidós.
- ESPINOSA, Baruch de (1957). *Ética*. São Paulo, Atena.
- _____ (1973). *Ética (e outros)*. São Paulo, Abril Cultural. (Os Pensadores, v. XVII).
- FEO, Milene (2004). “Ações socionômicas no resgate dos direitos humanos”. Trabalho apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Psicodrama, Belo Horizonte.
- FONSECA, José (1974). “O psicodrama e a psiquiatria, Moreno e antipsiquiatria”. In
FONSECA, José (2000). *Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo, Ágora.
- _____ (2004). *Contemporary psychodrama: new approaches to theory and technique*. Brunner-Routledge, Hove and New York
- FREIRE, Paulo (1980). *Conscientização – Teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo, Moraes.
- KNOBEL, Anna Maria (2004). *Moreno em ato: a construção do psicodrama a partir das práticas*. São Paulo, Ágora.

- LAING, Ronald; COOPER, David (1972). *Razón y violencia*. Buenos Aires, Paidós.
- LEUTZ, Grete (2004). In FONSECA, José (2004). *Contemporary psychodrama: new approaches to theory and technique*. Brunner-Routledge, Hove and New York.
- MALAQUIAS, Maria Celia (2004). “Revisitando a africanidade brasileira: do Teatro Experimental do Negro, de Abdias Nascimento, ao protocolo Problema Negro-Branco, de Moreno”. Trabalho apresentado para a obtenção do título de professor supervisor pela Sociedade de Psicodrama de São Paulo.
- MALAQUIAS, Maria Célia (2007). “Percurso do Psicodrama no Brasil: Década de 40 – O pioneirismo de Guerreiro Ramos”. Revista Brasileira de Psicodrama, vol 15, Nº 1, 2007.
- MARINEAU, René F. (1989). *Jacob Levy Moreno 1889-1974*. London-New York, Tavistock/Routledge.
- _____ (1992). *Jacob Levy Moreno 1889-1974*. São Paulo, Ágora.
- MORENO, JACOB LEVY (1973). “Open letter from J. L. Moreno in behalf of the International Association of Group Psychotherapy”. *Group Psychotherapy and Psychodrama*, XXVI, 3-4:131
- _____ (1974). *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo, Mestre Jou.
- _____ (1978) *Who shall survive? - Foundations of Sociometry, Group Psychotherapy and Sociodrama*. Beacon, N. Y., Beacon House.
- _____ (1989) *The autobiography of J. L. Moreno, MD*. *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama & Sociometry*, volume 42 No. 1, Spring.
- _____ (1997). *J. L. Moreno: Autobiografia*. São Paulo, Saraiva.
- MORENO, JACOB LEVY and MORENO, ZERKA T. (1975). *Psychodrama – Third volume: Action Therapy and Principles of Practice*. Beacon, N. Y., Beacon House.
- SAWAYA, Bader Burihan (2003). “Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades”. In ACOSTA, Ana Rojas e VITALE, Maria Amália Faller (orgs). *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo, IEE/PUCSP, pp. 39-50.
- SCHUTZ, William (1973). *Todos somos uno*. Buenos Aires, Amorrortu.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

- ALTOÉ, Adailton (2005). “Referenciais bíblicos e religiosos da experiência e criação de Jacob Levy Moreno”. Belo Horizonte. Apostila.

- LEVY, Laurice (2000). *Integrando diferenças: possíveis caminhos da vivência terapêutica*. São Paulo, Agora.
- MARTINS, José de Souza (2004). “Para compreender e temer a exclusão social”. *Vida Pastoral*, Ano XLV, no. 239. Editora Paulus, São Paulo, novembro-dezembro de 2004, p. 3-9.
- RODRIGUES, David (org) (2003). *Perspectivas sobre a inclusão: Da educação à sociedade*. Porto, Porto Editora.
- SAWAYA, Bader Burihan (1999). “O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão”. In SAWAYA, Bader Burihan (org). *As artimanhas da exclusão*. Petrópolis/RJ, Vozes, pp. 97-118.
- STOER, Stephen A., RODRIGUES, David, MAGALHÃES, António M. (2003). *Theories of social exclusion*. Peter Lang, Frankfurt am Main.